

A Morte de Cristo à luz da figura do Servo de Jahvé

Os cânticos do Servo de Jahvé do Deutero-Isaías (Is 42, 1-4; 49, 1-6; 50, 4-9; 52, 13-53, 12)¹ constituem um dos campos mais fecundos para a análise histórico-crítica e para a interpretação hermenêutica dos textos bíblicos. Desde a publicação do comentário ao livro de Isaías por B. DUHM, datado de 1892, onde estes cânticos são individuados pela 1.^a vez, os estudos sobre eles não cessaram de se multiplicar até aos nossos dias². Sob o ponto de vista crítico, é privilegiada a discussão sobre a personagem central que recebe o título enigmático de «Servo de Jahvé».

As interpretações oscilam entre uma personalidade individual, de contornos históricos mais ou menos definidos, e a personificação de uma comunidade³. Com os estudos mais recentes, vai tomando corpo

¹ A identificação destes cânticos varia de autor para autor; alguns juntam ao primeiro poema os vv. 5-7 ou 5-9 (G. A. Soggin, K. Baltzer, P. E. Bonnard, L. Monloubou, A. Feuillet, E. Haag). Cf. E. HAAG, «Bund für das Volk und Licht für die Heiden (Jes 42,6)»; *Didaskalia* 7 (1977) 3-14; outros juntam ao segundo poema os vv. 7-13 (P. E. Bonnard); relativamente ao terceiro, que não é por todos considerado como elemento integrante dos cânticos (p. ex. J. Coppens), é por uns alongado até ao v. 11 e dividido em duas partes (50, 1-3; 50, 4-11: C. R. North, J. Scharbert, P. E. Bonnard). Finalmente, há quem divida o quarto poema em duas unidades: 52, 13-15; 53, 1-12 (H. M. Orlinsky). Hoje admite-se como provado que os poemas originais do Servo foram elaborados e interpretados com ulteriores acréscimos: 42,5-9; 49,7-13; 50,10-11 (Cf. P. DION, «Les chants du Serviteur de Yahweh et quelques passages apparentés d'Is. 40-55. Un essai sur leurs limites précises et leurs origines respectives», *Bib* 51 (1970) 17-38; P. GRELOT, *Les poèmes du Serviteur*, Paris 1981, 21-73).

² A história da interpretação até 1948 foi feita por C. R. NORTH, *The Suffering Servant in Deutero-Isaiah*, London 1956; de 1949 a 1958, por H. HAAG, «Ebed-Yahweh-Forschung: 1948 bis 1958», *BZ* 3 (1959) 174-204; cf. ainda C. G. KRUSE, «The Servant Songs: Interpretative Trends since C. R. North», *Stud. Bib. et Theol.* 8 (1978) 3-27.

³ As interpretações propostas no passado vão desde uma interpretação colectiva do Israel histórico, ideal, ou do resto de Israel, a uma interpretação flutuante entre colectividade e indivíduo, e ainda a uma interpretação individual histórica (passada, contemporânea, futura,

uma leitura histórica dos cânticos, segundo a qual tanto a figura do Servo como as circunstâncias particulares que a envolvem se inscrevem num quadro histórico contemporâneo do profeta. Alguns autores chegam mesmo a formular hipóteses sobre a identificação do Servo, que crêem poder encontrar entre os grandes vultos da Restauração nomeados no I Esdras, tais como Sassabaçar ou Zorobabel. Para outros trata-se de um novo Moisés, de um novo Isaac, ou do próprio profeta Deutero-Isaías. Neste último caso, o profeta descreveria as suas próprias vicissitudes no cativo, onde teria sido vítima de perseguição por parte das autoridades persas.

Todavia a leitura histórica não esgota o conteúdo destes oráculos, cujo horizonte é a realização plena do desígnio de Deus⁴. Ligados à fé e à esperança de Israel num dos momentos mais críticos da sua história, estes poemas celebravam de um modo lírico a chegada da salvação de Deus. A partir do momento em que foram integrados na literatura profética como elemento de apelo à esperança⁵, eles não cessaram de ser relidos como palavra de Deus voltada para o futuro, com um conteúdo inesgotável e de actualidade permanente, em primeiro lugar no judaísmo e depois na Igreja⁶.

A primeira interpretação dos cânticos fica a dever-se à versão dos LXX, que os adapta ao contexto literário da *Mensagem de Consolação* (Is 40-55), onde foram inseridos⁷. Por isso o leitor grego apresenta o Servo já não como personagem de um passado longínquo, mas como figura do presente e do futuro. A interpretação individual

messiânica directa ou indirecta). Hoje prefere-se, em geral, a interpretação individual. A interpretação colectiva é, no entanto, mantida por diversos autores: J. Coppens; P. E. Bonnard W. A. M. Beuken e J. Jeremias (cf. S. VIRGULIN, «Il Deuteroisaia», in *Problemi e Prospettive di Scienze Bibliche*, Brescia 1981, 211-231; H. E. VON WALDOW, «Der Gottesknecht bei Deuterocesaja», *TZ* 41 (1985) 201-219).

⁴ A figura do Servo, a quem é conferida uma missão de ordem sapiencial, profética e sacerdotal, apresenta-se numa dimensão supra-histórica, que aponta profeticamente para o futuro. A sua morte vicária conduz à própria sobrevivência feliz e à fundação de um reino espiritual e universal. Cf. W. ZIMMERMANN, in *TWNT*, V (1954) 653-713; H. W. WOLFF, «Wer ist der Gottesknecht in Jesaja 53?», *EvT* 22 (1962) 338-342.

⁵ O problema da origem dos poemas permanece controverso. De entre os inúmeros estudiosos, uns atribuem-nos ao próprio autor do Segundo Livro de Isaías (R. Tournay, A. Brunot, P. E. Bonnard, T. N. D. Mettinger); outros, pelo contrário, vêem nestes poemas uma unidade literária com características próprias, na qual se narra a biografia de um profeta com uma missão universal, cuja sorte culmina com a morte expiadora pelos pecados dos homens e com uma feliz sobrevivência. Estes poemas terão sido inseridos posteriormente na obra do Deutero-Isaías (B. Duhm, A. Feuillet, K. Elliger, J. L. McKenzie, E. Testa). Há ainda quem atribua os poemas a autores diversos (P. Dion, J. Morgenstern, M. Treves).

⁶ Cf. D. J. A. CLINES, *I, He, We, They. A Literary Approach to Isaiah 53*, *JSOT* Suppl. Series 1, Sheffield/S 1976.

⁷ A leitura dos LXX relativa aos poemas do Servo não se apresenta como uma simples tradução, mas como uma interpretação. A figura do Servo assume uma dimensão colectiva, em referência ao tempo presente e ao futuro. Cf. P. GRELLOT, *o. c.*, 82-117.

cede lugar à interpretação colectiva, em referência a Israel em geral, ou ao Resto dos justos purificados pelas provas do Exílio. O sofrimento dos justos encontra-se assim personificado na alta figura do Servo, que os representa a todos.

A Igreja cristã, cuja leitura dos textos sagrados se baseava nas interpretações correntes do judaísmo palestinese ou helenístico, viu a realização plena destes cânticos na Paixão e Morte de Jesus Cristo⁸. O recurso à figura do Servo exerceu certamente uma função importante na elaboração da Cristologia a partir das Escrituras. Ao lado de citações explícitas, os escritos de N.T. apresentam-nos imitações intencionais e simples reminiscências daqueles poemas. Os autores não são unânimes na determinação dos textos alusivos à figura do Servo. Assim, Ferdinand Hahn utiliza um critério restritivo, segundo o qual o único motivo dos cânticos que deu origem à sua utilização pelos hagiógrafos do N.T. foi o da *satisfação vicária*⁹. Este princípio pode ser admitido na medida em que acentua a prioridade das motivações cristológicas sobre as razões históricas na utilização dos cânticos pelos autores do N.T. Todavia encontramos uma ressonância bastante mais ampla daqueles textos no N.T., umas vezes em referência ao texto hebraico directamente traduzido para grego, outras vezes na paráfrase dos LXX. São estas alusões que vamos percorrer, começando pelos escritos mais antigos do epistolário para depois passarmos aos Evangelhos.

I. Textos das Cartas do N.T.

As cartas de S. Paulo conservam alguns formulários de fé, já em uso nas primeiras comunidades de origem judeo-cristã. De entre estes formulários sobressai o Credo de 1 Cor 15, 3-4, explicitamente apresentado como uma tradição recebida e transmitida:

«Cristo morreu pelos (*hyper*) nossos pecados segundo as Escrituras».

Em que texto das Escrituras repousará a asserção: «Cristo morreu pelos nossos pecados»? O único lugar da Bíblia onde a morte de um

⁸ No judaísmo palestinese, bem como na versão dos LXX, a figura do Servo parece ter recebido uma interpretação colectiva, que por sua vez terá tornado possível a sua aplicação a *todo* o justo sofredor. O N. T. parte daí para uma leitura cristológica dos cânticos do Deutero-Isaiás. Cf. P. GRELOT, *o. c.*, 118-137.

⁹ F. HAHN, *Christologische Hoheitstitel*, Göttingen 1974⁴, 54-66.

homem é colocada em relação com os pecados dos outros para lhes obter o perdão é o texto de Is 53, 1-12. Lê-se aí que o Servo

«Tomou sobre si as nossas enfermidades e sofreu por nós» (53,4);

«Foi ferido por causa das nossas iniquidades, esmagado pelos nossos pecados» (53,5);

«Foi suprimido da terra dos vivos; por causa das iniquidades do seu povo foi conduzido à morte» (53,8);

«Tomando sobre si os pecados de muitos, foi entregue por causa dos seus pecados» (53,12).

Observe-se no entanto que a fórmula grega de 1 Cor 15, 3 «por causa dos nossos pecados» (*hyper tôn hammartión hêmôn*) não encontra correspondente exacto no citado texto de Isaías, que não utiliza a preposição *hyper*, mas sim *peri, dia e apo*. Os autores explicam o facto como indício de uma origem aramaica desta profissão de fé¹⁰.

A fórmula *hyper* foi utilizada nas comunidades da Palestina para exprimir o significado soteriológico da morte de Jesus, em base à sua solidariedade com o homem pecador.

Uma outra tradição antiga conservada por Paulo é o relato da última Ceia conservado em 1 Cor 11, 23-25:

«O Senhor Jesus, na noite em que foi entregue...»;

O verbo «entregar» (*paradidonai*) tem um carácter litúrgico, que lhe provém das primitivas tradições sobre a história da Paixão (cf. Mt 17, 22; 26, 2.18.26 par.)¹¹. Encontramo-lo três vezes em Is 53, uma vez na voz activa, em referência a Deus que entregou (*paredôken*) o seu servo pelos pecados do povo (v. 6) e duas vezes na voz passiva, pois que o próprio servo ofereceu-se a si mesmo (*paredothê*) pelos nossos pecados (v. 12 bis). A sua morte é aí descrita em termos sacrificiais. O servo é como o animal do sacrifício que morre não para expiar os próprios pecados, mas os dos pecadores, operando assim o regresso destes a Deus. O sacrifício é um acto de culto exterior por meio do qual o oferente exprime os seus sentimentos interiores e chega à união com Deus, que aceita o dom e perdoa o pecado do oferente. No seu sacrifício sobre a Cruz, Cristo opera o

¹⁰ Cf. P. GRELOT, *o. c.*, pp. 141-144.

¹¹ Cf. M. I. ALVES, *Il Cristiano in Cristo*, Braga 1980, 282 s.

seu regresso pessoal a Deus, pelo qual também o homem entra em comunhão com Deus e obtém o perdão do pecado.

Ainda tradicional é a breve profissão de fé conservada em Rom 4, 24-25:

«Acreditamos naquele que ressuscitou Jesus Nosso Senhor de entre os mortos, o qual foi entregue por causa das nossas faltas e ressuscitado para nossa justificação».

A introdução da fórmula mostra que se trata de uma tradição¹². Também este texto cita a versão dos LXX de Is 53, 12, onde se lê: «Tomou sobre ele os pecados de muitos e foi entregue por causa dos seus pecados».

A partir deste conjunto de textos pré-paulinos, com indícios claros de alusões aos cânticos do Deutero-Isaías, podemos concluir que bem cedo as comunidades cristãs esclarecem o enigma e o escândalo da morte de Jesus à luz do IV cântico do Servo de Jahvé (Is 52, 13-53, 12).

A referência aos textos de Isaías encontra-se igualmente nos formulários sorteriológicos de Paulo sobre a morte redentora de Cristo. As fórmulas «amou-me e entregou-se por mim» (Gal 2, 20), «entregou-se a si próprio pelos nossos pecados» (Gal 1, 4), prováveis vestígios de uma confissão de fé baptismal, são certamente uma reminiscência de Is 53¹³.

Também o hino cristológico da carta aos Filipenses (2, 6-11) parece aludir aos cânticos do Deutero-Isaías. Cristo despojou-se a si mesmo tomando forma de «Servo» e humilhou-se, fazendo-se obediente até à morte, morte da cruz. Por isso é que Deus o «exaltou» (2, 7-9). Observe-se de imediato que o IV cântico começa por evocar a exaltação do Servo de Jahvé (Is 52, 13), que contrasta com a sua humilhação e com a sua morte (Is 53, 12a). Encontramos nos dois casos não só um paralelismo temático, mas ainda uma linguagem muito próxima. Os termos «servo» (*doulos*), «humilhar-se» (*tapeinoun*) e «exaltar» (*hypsoun*) de Filipenses evocam termos semelhantes do Deutero-Isaías (cf. Is 49, 1-6; 53, 8 LXX; 52, 13).

Em 2 Cor 5, 14-6, 2, o Apóstolo formula a teologia da redenção a partir da ideia que Cristo, solidário da nossa morte, fez-nos morrer

¹² Cf. K. ROMANIUK, *L'amour du Père et du Fils dans la sotériologie de Saint Paul*, Romae 1961, 74-95.

¹³ Cf. L. CEREAUX, *Le Christ dans la théologie de saint Paul*, Paris, 1951, p. 26.

com ele para o homem velho, a fim de que surgisse em nós um homem novo (2 Cor 5, 14-17). Neste contexto afirma por duas vezes que Cristo «morreu por todos» (*hyper pantôn*: vv. 14.15). De novo somos conduzidos ao IV cântico do Deutero-Isaías e à interpretação da morte de Jesus como «sacrifício pelo pecado», logo a seguir mencionada numa fórmula densa: «Aquele que não havia conhecido o pecado, Deus o fez pecado por nós» (2 Cor 5, 21; cf. Is 53, 9).

A releitura que Paulo fazia dos cânticos em referência a Cristo estendia-se a todo o contexto do Deutero-Isaías, como se verifica por outras citações. Com Cristo inaugura-se o «tempo propício», o «dia da salvação», anunciado na Mensagem da Consolação com a habitual alusão ao IV cântico: «no tempo fixado, (Cristo) morreu pelos (*hyper*) ímpios... quando éramos ainda pecadores, morreu por (*hyper*) nós» (Rom 5, 6-8).

Para além das cartas de S. Paulo, há ainda alguns textos do epistolário do N.T. que merecem a nossa atenção. Assim, na carta aos Hebreus, a propósito da «abolição do pecado», o seu autor afirma que ela foi obtida de maneira definitiva pelo sacrifício de Cristo, que «se ofereceu uma só vez para tomar sobre si os pecados de muitos (*pollón*: Hebr 9, 28). O termo «muitos» significa grande número, a multidão, o conjunto dos homens salvos por um único mediador. A expressão é textualmente tirada de Is 53, 12 (LXX). Da alusão a Is 53 deduz-se que o autor da carta aos Hebreus, exactamente como na teologia paulina, interpreta a morte de Cristo como «sacrifício pelo pecado». Mas, diversamente do que acontecia nos sacrifícios de outrora, em que o sacerdote era distinto da vítima, Cristo é simultâneamente sacerdote e vítima que se oferece ele mesmo, conforme o texto de Is 53. A efusão do sangue, mediante a qual ele entrou no templo celeste (Hebr 9, 12), não teve valor senão em virtude da atitude interior que ela significa. A ideia do sacrifício de expiação está toda ela dominada pela do sacrifício da aliança. Conforme o texto de Jeremias sobre a nova aliança (31, 31-34, citado em Hebr 8, 6-12; 10, 15-17), a aliança opera positivamente o que a expiação, enquanto supressão dos pecados, realiza sobre um plano negativo. Assim sendo, entende-se que o texto de Jeremias termine com uma promessa de perdão e de esquecimento dos pecados (cf. Hebr 8, 12; 10, 17, cit. Jer 31, 34 LXX).

Finalmente, na Primeira Carta de S. Pedro podemos ler duas passagens importantes, que nos mostram como se lia na Igreja o

último cântico do Servo. A primeira fornece-nos um formulário soteriológico muito próximo da teologia paulina

«Cristo, uma vez por todas, morreu pelos pecados (*peri harmartias*), justo pelos injustos, a fim de nos conduzir para Deus» (1 Pe 3,18).

A expressão «pelos pecados», já utilizada pelo antigo Credo de 1 Cor 15, 3, e a menção do «justo» e dos «injustos» conduzem-nos ao IV cântico do Deutero-Isaías (Is 53,11). A segunda passagem é um hino lírico (1 Pe 2, 21-25), talvez proveniente de um cântico litúrgico, no qual se resume e se parafraseia Is 53, para se apresentar Cristo sofredor:

«Cristo sofreu por vós, deixando-vos um exemplo, para que sigais os seus passos.

Ele, *que não cometeu pecado* (Is 53, 9) e *cujas bocas não proferiu mentira* (Is 53, 9);

Ele que, quando o insultavam não insultava, sofrendo não ameaçava (cf. Is 50, 6), mas entregava-se àquele que julga com justiça (cf. Is 50, 8);

Ele tomou sobre si os nossos pecados (Is 53, 12) no seu corpo, sob o madeiro, afim de que, mortos para o pecado, vivêssemos para a justiça (Is 53,11);

Na verdade, *éreis como ovelhas desgarradas* (Is 53, 6), mas agora voltastes ao pastor e guarda das vossas almas».

O autor deste hino fez uma selecção de expressões características de Is 53 e acrescentou-lhes alguns pormenores sobre a Paixão. O recitativo lírico abre com o título «Cristo» (= Messias). Isto supõe que a figura pessoal de Jesus conduziu a uma reflexão cristológica que sobrepôs as imagens do Messias real e do Servo de Is 53.

II. Textos dos Evangelhos

Os Evangelhos conservam-nos alguns *Logia* de Jesus e reflexões teológicas sobre a sua Paixão à luz do Servo de Jahvé. Um dos elementos mais antigos da tradição sobre Jesus é o logion sobre o resgate:

«O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate (*lytron*) por muitos (*anti pollôn*): Mc 10,45; Mt 20,28).

Os motivos do resgate e do sacrifício, juntamente com a fórmula final «por muitos», conduzem-nos a um paralelismo de pensamento com Is 53. Porém, as diferenças deste logion com o IV cântico são muitas, o que sublinha a sua originalidade.

Um segundo logion de Jesus depende de Is 53 e é o das palavras interpretativas do pão e do vinho na última ceia, já por nós assinalado na análise das cartas de S. Paulo. A propósito do cálice, o texto mais breve de Marcos diz:

«Isto é o meu sangue, o sangue da aliança, que é derramado por muitos (*hyper pollôn*: Mc 14,24).

A expressão «por muitos» conduz-nos directamente a Is 53, 12. Mas a referência àquele texto é ainda mais clara em Mateus, que acrescenta «para remissão dos pecados» (Mt 26, 28). Embora não se encontrem aí explicitamente estes termos, o conceito por eles expresso está subjacente a todo o contexto.

A tradição sobre as palavras de Jesus conserva-nos ainda os anúncios da Paixão, referidos pelos três Evangelistas Sinópticos, onde os contactos com o Deutero-Isaías são manifestos (cf. Mc 8, 31; 9, 31; 10, 33-34 e par.).

O terceiro anúncio condensa a narração da Paixão, nomeando as suas principais etapas:

«O Filho do Homem vai ser entregue aos príncipes dos sacerdotes e aos escribas, e eles condená-lo-ão à morte e entregá-lo-ão aos gentios. Hão-de escarnecê-lo, cuspir sobre ele, açoitá-lo e matá-lo» (Mc 10,33-34).

Lucas acrescenta a esta enumeração dos suplícios os ultrajes (Lc 18, 32). Não só o verbo «entregar» (*paradidonai*), como já referimos, nos remete para o Servo perseguido, como ainda o conjunto de elementos que constituem o quadro da Paixão de Jesus denota uma imitação intencional dos cânticos do Deutero-Isaías por parte dos Evangelistas, que liam no III cântico:

«Aos que me feriam, apresentei a espádua, e as minhas faces aos que me arrancavam a barba; não desviei o meu rosto dos que me ultrajavam e cuspiam» (Is 50,6).

A reminiscência de Is 50 e 53 nos citados logia de Jesus parece reflectir já a leitura cristã destes textos. Mas os Evangelistas fizeram uma reflexão teológica própria sobre Jesus à luz dos cânticos do Servo de Jahvé. Assim Mateus interpreta as curas operadas por Jesus como realização da profecia do Deutero-Isaías:

«Ele tomou as nossas enfermidades e carregou as nossas dores (Mt 8,17; cf. Is 53,4).

A citação é aplicada literalmente aos males físicos dos homens, que Jesus assume para os curar. O autor faz uma acomodação do texto profético e dá-lhe uma interpretação cristológica. De igual modo ele evoca a figura do Servo de Jahvé a propósito da actividade ministerial de Jesus com uma longa citação:

«Eis o meu servo, *que escolhi, o meu amado*, em quem pus todo o meu cnlevo.

Derramei sobre ele o meu espírito, e ele *anunciará* a verdadeira fé às nações.

Não disputará, nem bradará, e ninguém ouvirá nas praças a sua voz.

Não quebrará a cana fendida, *nem apagará* a mecha que fumege, até *conduzir à vitória a justiça*.

E no seu nome hão-de esperar as nações» (Mt 12,17-21; cf. Is 42,1-4).

As modificações que o Evangelista opera no texto do Deutero-Isaías têm um fundamento cristológico. Com a presente citação, ele não pretende provar que Jesus é o Servo anunciado no Deutero-Isaías. Mas, uma vez que Jesus é já reconhecido como o Servo de Jahvé, Mateus projecta sobre ele o oráculo de Is 42,1-4, adaptando-o ao mistério de Cristo, que ele desvela aos seus leitores.

Passemos agora à obra de Lucas, que nos apresenta não poucas peculiaridades nas citações dos cânticos do Deutero-Isaías. Uma composição tipicamente lucana é o cântico de Simeão (Lc 2, 30-32), que nos resume um aspecto da teologia de Lucas. É num texto recheado de reminiscências bíblicas, que nos conduzem ao Deutero-Isaías (Is 40, 5; 42, 6; 46, 13; 49, 6; 52, 10). Para Lucas Jesus é a «salvação preparada em favor de todos os povos, luz para iluminar as nações e glória de Israel» (Lc 2, 30-32).

Os títulos de mediador da salvação applicados a Jesus acumulam-se para apresentarem a pessoa de Jesus e explicarem o sentido da sua missão.

Para a compreensão da Morte e Ressurreição de Cristo, Lucas recorre às Escrituras, que ele cita a partir de uma combinação de textos diferentes e relativos a figuras escatológicas distintas. Ele refere a Morte de Cristo como elemento integrante do desígnio salvífico de Deus anunciado nas Escrituras. Na boca do Ressuscitado é feita a seguinte pergunta aos discípulos de Emaús:

«Não era necessário que o Messias sofresse para entrar na sua glória?» (Lc 24,26; cf. 24,44-46).

O tema da morte constitui o centro dos Salmos do justo sofredor (cf. Sl 22) e do último cântico do Servo de Jahvé; por sua vez, o tema da entrada na glória encontra-se explicitamente em Is 53, 12 LXX.

Os Actos dos Apóstolos também encerram várias alusões significativas ao IV cântico do Deutero-Isaías. No discurso de Pedro, após a cura do paralítico da porta Formosa, encontramos os termos «servo», «justo» e «entregar», que nos conduzem àquele cântico:

«... o Deus de vossos pais glorificou o seu *Servo* Jesus, que *entregastes* e *negastes* diante de Pilatos, já decidido a soltá-lo;

Vós, porém, *renegastes* o Santo e o *Justo* e reclamastes graça para um assassino» (Act 3, 13-14; cf. Is 52,13; 53, 11-12).

A alusão explícita à *glorificação* do Servo leva-nos a concluir que o autor do discurso se serviu da versão grega dos LXX, uma vez que o texto hebraico não menciona este verbo. O mesmo acontece numa citação explícita de Is 53, 7-8:

«Qual ovelha levada ao matadouro, qual cordeiro que permanece mudo ante aquele que o tosquia, assim ele não abre a boca.

Na sua humilhação foi-lhe negada justiça.

Quem contará a sua posteridade? Porque a sua vida foi eliminada da face da terra» (Act 8,32-33).

A interpretação daquele texto na versão dos LXX suscita dificuldades, como muito bem observou o eunuco a Filipe: «de quem diz isto o Profeta?» (Act 8, 34).

Efectivamente, o texto está aberto à interpretação individual de um justo, ou do justo por excelência, que representaria todos os homens justos; mas convem-lhe melhor uma interpretação colec-

tiva, seja de Israel em bloco, seja do resto fiel dos justos. A leitura cristã fez uma hermenêutica, interpretando-o em relação a Cristo.

O IV Evangelho também nos fornece alguns elementos de interpretação da morte de Cristo à luz da figura do Servo. Próximo de Is 53 quanto ao sentido, mas com reminiscências literárias muito ténues, é o texto de Jo 1, 29, onde o Baptista chama a Jesus «o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo». O termo «cordeiro» (*amnos*) conduz-nos a Is 53, 7, enquanto o conceito de tirar o pecado do mundo encontra correspondente no fim do IV cântico (Is 53, 12).

Numa reflexão sobre a incredulidade dos judeus, o Evangelista cita uma frase do mesmo cântico:

«Senhor, quem acredita em nossa palavra?
E o braço do Senhor, a quem foi revelado?» (Jo 12,38; cit. Is 53,1).

Esta passagem também citada por Paulo com idêntico objectivo, funciona como «lugar teológico» aplicado ao problema da incredulidade dos judeus. Pelo formulário de introdução, que apela para «o cumprimento das Escrituras», em Jesus manifesta-se a salvação anunciada pelos Profetas.

Conclusão

Desta breve panorâmica dos textos do N.T. que mais ou menos claramente interpretam a morte de Cristo à luz da figura do Servo de Jahvé, podemos concluir que um ponto de referência importante na reflexão cristológica da idade apostólica era o que o A.T. profetizava acerca do justo sofredor, nomeadamente nos cânticos do Deutero-Isaías. A comunidade cristã reconheceu Jesus como o único *Justo*, que experimentou na sua vida e especialmente na sua morte o destino reservado ao Servo de Jahvé, cumprindo assim o desígnio da salvação anunciado no último cântico (52, 13-53, 12). A partir deste conceito aplicaram-se a Jesus os outros textos que apresentam o Servo na sua função mediadora. Finalmente, foi reformulada a questão do messianismo de Cristo numa perspectiva totalmente nova: o Servo de Deus sofredor foi glorificado.

Para terminar, devemos observar que não só a morte de Cristo foi expressa à luz da figura do Servo, mas também a profecia do Servo recebeu nova luz ao ser interpretada em relação a Cristo, que pela sua morte e ressurreição se tornou a chave da justa compreensão daquela misteriosa figura profética.

MANUEL ISIDRO ALVES